

ANEXOS

EDITORIAL 1

ORGANIZAÇÕES GLOBO
Presidente: Roberto Irineu Marinho • Vice Presidentes: João Roberto Marinho • José Roberto Marinho
O GLOBO é publicado pela Infoglobo Comunicações S.A.
Vice Presidente: Rogério Marinho

O GLOBO

Diretor Executivo: Agostinho Vieira
Diretor de Redação e Editor Responsável: Rodolfo Fernandes
Editores executivos: Luiz Antônio Novaes, Ascânio Seleme e Orivaldo Perin
Editores — O País: Sílvia Fonseca; Rio: Paulo Motta; Economia: Sônia Soares; O Mundo: Sandra Cohen;
Esportes: Antonio Nascimento; Segundo Caderno: Artur Xexéo; Fotografia: Alexandre Sasaki;
Arte: Léo Tavejnhansky; Opinião: Aluizio Maranhão

Rua Irineu Marinho, 35 - Cidade Nova - Rio de Janeiro, RJ - CEP 20.230-901 • Tel.: (21) 2534-5000 • Fax: (21) 2534-5535
Impressão: Rod. Washington Luiz, 3.000 - Duque de Caxias, RJ - CEP 25.085-000 • Tel.: (21) 2534-5000

TEMA EM DISCUSSÃO: Greve na Uerj

NOSSA OPINIÃO

Os perdedores

A disputa entre o governo do estado e a Uerj, como sempre acontece nesses casos, tem como principal vítima os alunos, que são a própria razão de ser da universidade. Alunos reais e em potencial, pois se for confirmado o adiamento do vestibular — questão que poderá ter seu desfecho na Justiça — serão atingidos também os que apenas pretendem iniciar o curso superior na Uerj. E que por sinal nem sabem se e quando terão de volta o dinheiro da taxa de inscrição.

É certo que não se pode negar a precariedade absoluta da situação em que se encontra a Uerj e a justiça das reivindicações salariais dos professores. A universidade tem rampas escoradas por andaimes, porque já houve um desmoronamento (felizmente em fevereiro, durante as férias, e por isso sem vítimas), baldes aparrando a água que escorre de vazamentos enquanto falta nos bebedouros, sistemas contra incêndio sem mangueiras e uma deterioração geral; e não há previsão de reformas porque não há di-

nheiro para elas: em março a verba de custeio da Uerj sofreu um corte de 25%. Quanto aos salários, anos de congelamento conduziram a uma situação intolerável e ao atual e compreensível grau de indignação.

Ainda assim, entrar em greve não pode ser o instrumento preferencial de que os professores dispõem para fazer protestos e apresentar reivindicações. Desde já é previsível que ao fim dessa paralisação, que está perto de completar dois meses, os grevistas anunciarão que não haverá prejuízos para os alunos, pois as aulas perdidas serão devidamente repostas — o que reflete uma visão distorcida do ensino como uma espécie de mercadoria de compra e venda, e não como o processo gradual e cumulativo que é, a ser realizado em etapas sucessivas e complementares.

O governo estadual diz que não vai negociar enquanto a greve persistir, os professores sustentam que não retomarão as aulas na situação atual. Em silêncio ficam os alunos, que são os mais prejudicados e a parte mais fraca.

Como sempre,
os alunos
são a principal
vítima da
disputa

EDITORIAL 2

ORGANIZAÇÕES GLOBO
 Presidente: Roberto Irineu Marinho • Vice-Presidentes: João Roberto Marinho • José Roberto Marinho
 O GLOBO é publicado pela Infoglobo Comunicações Ltda.
 Vice-Presidente: Rogério Marinho

O GLOBO

Diretor Executivo: Agostinho Vieira
 Diretor de Redação e Editor Responsável: Rodolfo Fernandes
 Editores executivos: Luiz Antônio Novaes, Ascânio Saleme e Orivaldo Perin
 Editores - O País: Sílvia Fonseca; Rio: Paulo Motta; Economia: Sônia Soares; O Mundo: Sandra Cohen;
 Esportes: Antônio Nascimento; Segundo Caderno: Artur Xexéo; Fotografia: Alexandre Sassaki;
 Arte: Léo Tavejnhansky; Opinião: Aluizio Maranhão

Rua Irineu Marinho, 35 - Cidade Nova - Rio de Janeiro, RJ - CEP 20.230-901 • Tel.: (21) 2534-5000 • Fax: (21) 2534-5535
 Impressão: Rod. Washington Luiz, 3.000 - Duque de Caxias, RJ - CEP 25.085-000 • Tel.: (21) 2534-5000

TEMA EM DISCUSSÃO: *Patente e Aids*

NOSSA OPINIÃO

Bem comum

O chamado coquetel para o tratamento da Aids é composto por 15 drogas diferentes. O atendimento gratuito que o governo brasileiro proporciona aos doentes é, portanto, não apenas altamente meritório como muito custoso — perto de R\$ 1 bilhão por ano. Para baratear o programa, é necessário fazer uso de todos os recursos — e o mais valioso deles é a quebra de patentes de laboratórios internacionais; mais precisamente, a ameaça de quebrar patentes, para induzir o fabricante a baixar seus preços.

Foi o que se fez recentemente com o Kaletra, fabricado pelo laboratório Abbott. Como base legal, o governo se valeu da declaração de quatro anos atrás da Organização Mundial do Comércio (OMC), pela qual considerações de saúde pública se sobrepõem ao Acordo de Propriedade Intelectual. Não foi decisão inédita, longe disso: ainda em 2001, pouco depois do ataque às torres gêmeas de Nova York, o governo canadense quebrou a patente do remédio Cipro, fabrica-

do pela Bayer para tratamento de antraz, que se supunha estar em vias de ser disseminado por terroristas. Foi, observe-se, uma decisão de país rico, e tomada por precaução para combater um risco possível, não uma epidemia já presente como é hoje a da Aids.

Quanto a ameaçar, o governo Lula está repetindo o que fez mais de uma vez, e de maneira igualmente justificada o governo Fernando Henrique, e aliás também o governo dos Estados Unidos, aplicando pressão inteiramente legítima a fim de trazer benefícios para a saúde pública.

O próprio sucesso do tratamento da Aids e o relaxamento que ele parece ter provocado causaram recrudescimento do número de casos. É preciso portanto reforçar as campanhas de esclarecimento e prevenção; mas é igualmente indispensável persistir no programa de tratamento — e ampliá-lo, na medida do necessário. Nesse contexto, considerações como a lucratividade dos laboratórios farmacêuticos têm que ficar necessariamente em segundo plano.

Pressão sobre laboratórios tem base em acordo internacional